

Jornal da Tarde

11/2/1985

Guaíra: os bóias-frias contra a sua própria cooperativa.

Os trabalhadores estão revoltados com os desmandos na entidade e querem seu fechamento. Mas o governo a considera um modelo a ser implantado em todo o País.

Se dependesse do Ministério do Trabalho, a Cooperativa dos Trabalhadores Temporários de Guaíra seria usada como modelo em todo o País. Os trabalhadores da cidade, no entanto, tem opinião radicalmente contrária. Tanto que na greve ocorrida há 15 dias, mais do que o reajuste da diária (que acabou sendo fixada em Cr\$ 13.500), era a própria cooperativa que estava em debate.

E, se a questão salarial foi acertada no segundo dia do movimento, o problema da cooperativa continua sendo discutido nos botecos das vilas e nos pontos de embarque dos oito mil volantes daquela cidade, a maioria protestando e exigindo o fechamento do órgão, que teoricamente deveria representar seus interesses.

Nos dois dias de greve, os 'bóias-frias' extravasaram sua revolta contra a cooperativa rasgando as carteiras de cooperados nas concentrações que promoveram em piquetes ou assembleias. Com isso, eles questionavam a validade do sistema, chamando a atenção geral para fatos que até então não tinham sido divulgados.

Fome

O pior deles, segundo o prefeito de Guaíra, Fábio Talarico, que engrossa a fila dos que não aceitam a entidade funcionando como está, é que "a cooperativa tem servido mais para proteger os interesses da classe patronal do que para beneficiar os trabalhadores". Entre outras coisas, ele se baseia num fato: "A greve surgiu por causa da fome e isso não estaria acontecendo se a entidade estivesse cumprindo suas funções".

O prefeito explica: "O movimento grevista surgiu porque os patrões estavam oferecendo apenas Cr\$ 8 mil de diária, quando o acordo Faesp/Fetaesp estipulava Cr\$ 12 mil para Guaíra; isto significa que a cooperativa, que deveria defender o bóia-fria, se manteve indiferente, permitindo que os cooperados fossem explorados".

— Na madrugada de segunda-feira (dia 4) — prossegue o prefeito — os "gatos" que compareceram aos pontos de embarque ofereceram apenas Cr\$ 8 mil pelo dia de trabalho e isso causou a revolta geral. O protesto se generalizou e o presidente da cooperativa foi um dos primeiros a ser visitado por mais de mil trabalhadores, que exigiam sua demissão e o fechamento eia entidade, ao mesmo tempo que pediam a instalação de um sindicato.

Naquele dia, o problema cresceu entre os trabalhadores de Guaíra, atingindo o ponto culminante durante a assembléia que rejeitou a primeira proposta de Cr\$ 13 mil feita pelos patrões. Durante as discussões, o representante da Fetaesp na região, João Flávio Taveira, que também é tesoureiro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barretos, distante 40 quilômetros daquela cidade, não poupou críticas à entidade e pediu publicamente que os cooperados rasgassem suas carteiras de identificação.

"Convencimento"

Depois que a greve acabou, com o acordo de Cr\$ 13.500, ficou o descontentamento geral contra a cooperativa. O problema tomou-se tão sério que seu presidente, José de Andrade, e o contador da entidade, Dimas Tadeu Marques Ribeiro, tiveram de seguir quarta-feira para

Barretos, onde mantiveram contatos na Subdelegacia do Ministério do Trabalho e com a Polícia Militar para requisitar tropas numa tentativa de garantir o trabalho aos poucos cooperados que desejassem embarcar nos caminhos de seus clientes e também para “convencer” o representante da Fetaesp a fazer um pronunciamento pela Rádio Cultura de Guaíra, retratando-se dos ataques feitos e aconselhando os trabalhadores a pedir segunda via de suas carteiras de identificação.

Na sexta-feira, João Flávio Taveira fez a retratação. Mas para o prefeito Talarico, o diretor da Fetaesp retratou-se “por ter sido pressionado até pela polícia”, mas isso não significa que a crise tenha sido resolvida pois, como lembra o administrador eu fosse um bóia-fria” seria o primeiro a recusar a cooperativa da forma como ela está”. Por isso, ele alerta as autoridades do Ministério do Trabalho empenhadas em instalar cooperativas semelhantes como solução para o problema do trabalhador rural: “E preciso que o problema seja amplamente debatido para evitar que os erros cometidos em Guaíra repitam-se em outras cidades, pois do contrário a grande beneficiária dos Investimentos que o governo federal está fazendo será a classe patronal”.

Por sua vez João Flávio Taveira evita falar no assunto, mas o certo é que esteve em Guaíra acompanhado do capitão PM Rubens Martins Lopes, da 3ª Cia. de Barretos, e antes de falar pela emissora local manteve reunião com os dirigentes da cooperativa e os representantes da classe patronal.

Reclamações

“Manga Rosa” — o suplente do vereador José Antônio Tostes Neto (PMDB) — é um dos líderes dos trabalhadores rurais de Guaíra, pouco importando se em sua carteira profissional o registro hoje seja o de um trabalhador urbano. Sua forma desconfiada de exigir credenciais dos jornalistas ao deixar dúvida quanto à origem simples de quem já madrugou muitas vezes para trabalhar no campo.

— Estou muito aborrecida — revela quando finalmente concorda em conceder a entrevista — com a retratação que o João Flávio Taveira fez pelo rádio. Parece que todas as forças estão contra os trabalhadores.

Em sua opinião, o pronunciamento do representante da Fetaesp pela emissora de rádio local deixou os “bóias-frias” confusos, sem saber o que fazer. “Um dia ele manda rasgar as carteirinhas e agora diz para todos retirarem segunda via.”

“Manga Rosa” explica que foi um dos 30 trabalhadores que assinaram o documento de fundação da cooperativa no dia 6 de agosto de 1978, participando também da eleição de José de Andrade para a presidência. “O Zezão — diz — era então um empreiteiro muito respeitado pelo trabalhador, mas hoje ele é o maior gatão da região.”

Suas críticas referem-se às sucessivas reeleições da diretoria. “O povo nunca sabe quando tem eleição, porque pobre não assina jornal”; ao trabalho desenvolvido pela entidade durante esses anos — “a cooperativa teve muito lucro, comprou sede própria e um carro novo, mas não fez nada pelo trabalhador” — e até ao comportamento do presidente: “O Zezão diz que defende o pobre, mas a verdade é que só beneficia sua família; há tempos ele demitiu um funcionário para empregar sua filha, e recentemente seu filho casou-se e a nora já foi contratada”.

Quanto ao funcionamento da entidade, ele também tem muitas reclamações: até hoje os “bóias-frias” não são registrados em carteira e a cooperativa de consumo, que deveria vender mantimentos e roupas a preços mais baixos para os trabalhadores, nunca foi instalada. Além disso, as condições de trabalho continuam precárias, com horário de embarque — 3h30 —

sendo considerado muito cedo e a absoluta falta de assistência no campo onde, conforme afirma, "a água é servida em tambores de óleo diesel que mesmo lavados sempre deixam o gosto de combustível". E pergunta: "Será que a cooperativa não tem por obrigação cuidar disso tudo?"

Do lado da cooperativa, Dimas Tadeu Marques Ribeiro, o contador, não esconde a preocupação com a revolta dos trabalhadores e procura defender a entidade: "Já estamos tratando do registro em carteira, garantimos o Funrural e até aviamos algumas receitas para os trabalhadores". O registro em carteira se tornou obrigatório em 1983, quando o Ministério do Trabalho vinculou o cooperado ao tomador do serviço, mas segundo o contador, até agora não foi possível acertar a situação "pois tudo tem que ser feito por computadores". A entidade oferece também seguro saúde, mas apesar de sua sede nova bem instalada, não conta com ambulatório médico ou odontológico.

Ao todo, existem 89 produtores filiados à cooperativa como tomadores de serviço, dos cinco mil trabalhadores rurais cadastrados, entre os oito mil existentes em Guaíra. Os três mil que não são cooperados, ou não concordam com o sistema de trabalho ou "foram discriminados", rumo garante o prefeito Fábio Talarico.

Luiz Carlos Lopes, AE-Marília.

(Página 13)